

Boa Nova para cada dia / dezembro 2018

Gonçalo Miller Guerra, s.j. (Semanas)

Manuel Morujão, s.j. (Domingos e Dias Santos)

Tempo do Advento – *Imaculada Conceição*

Tempo do Natal – *Natal do Senhor*

Sáb, 1 – SEMANA XXXIV DO TEMPO COMUM / 1º Sábado

Ap 22, 1-7 / Slm 94 (95), 1-2.4-7 / Lc 21, 34-36

Não suceda que os vossos corações se tornem pesados... (Evang.)

Pode ser que em alguma ocasião o leitor esteja com o coração pesado. Nessa altura – ou mesmo hoje – o leitor ponha-se na sua posição de oração e deixe-se estar sem dizer nada, também sem querer ouvir nada. Depois, se lhe vier alguma coisa para dizer a Deus, dirá, ou também talvez «ouça» alguma coisa, mas não é isso o essencial. O essencial é estar com Deus; estar só com Deus. Descansar com Deus.

Dom, 2 – DOMINGO I DO ADVENTO – Ano C

Jr 33, 14-16 / Slm 24 (25), 4bc-5ab.8-10.14 / 1 Ts 3, 12 – 4, 2 / Lc 21, 25-28.34-36

Estamos iniciando a caminhada em direção ao Natal de Jesus, neste tempo de Advento. Liturgicamente tem três horizontes: – recordar o tempo em que o povo de Israel aguardou a chegada do Messias salvador; – viver a preparação da celebração do Natal no tempo presente; – aguardar o advento definitivo de Cristo, no final dos tempos, quando Ele será «tudo em todos».

As leituras da Palavra de Deus transmitem-nos uma mensagem de esperança, que é o nome cristão do otimismo. Quem espera em

Deus sabe que as suas promessas têm a garantia do seu fiel cumprimento. Mas a esperança cristã não é um aguardar inativo, de braços caídos; exige a nossa colaboração ativa, pela oração e vigilância.

A situação relatada na 1.ª leitura é a do povo eleito que, regressado do cativeiro de Babilónia, chega à cidade santa de Jerusalém, que está em ruínas, com patentes sinais de morte e destruição. É a «desolação da desolação». Mas o profeta Jeremias, que não é um comentarista pessoal, mas fala em nome de Deus, assegura

ra que da casa de David virá alguém que «exercerá o direito e a justiça». Jerusalém passará a chamar-se «O Senhor é a nossa justiça». E mudar o nome, na cultura hebraica, significa mudar a realidade.

O Evangelho apresenta convulsões cósmicas, mas Cristo não fala do fim do mundo. Anuncia que «O Filho do homem virá... com grande poder e glória». Os sinais que causam espanto são como o desmoronar-se de uma grande casa velha, a fim de dar lugar a uma construção nova imensamente melhor. Como interpretamos as injustiças do mundo atual? Como lemos os sinais do terrorismo e da criminalidade, dos desastres e cataclismos que vemos tantas vezes? A narração evangélica conclui-se alertando-nos para o que podemos e devemos fazer: «Vigiai e orai em todo o tempo». Não é verdade que, por vezes, nos fi-

xamos demasiado no que devem fazer os presidentes e governantes, a nível nacional e internacional, e nos esquecemos da parcela de bem que está perfeitamente ao nosso alcance para construir uma família e comunidade melhores, uma sociedade e um mundo melhores?

S. Paulo, dirigindo-se aos cristãos de Tessalónica, fala da vinda de Jesus, através do anúncio da sua boa nova. Foi por isto certamente que a liturgia colocou esta leitura na entrada do Advento. Aceitar Jesus na vida do cristão não pode ficar somente ligado a um ritual sacramental, como o batismo. Tem de comprovar-se num novo estilo de vida, na «caridade uns com os outros (cristãos) e para com todos». Na força de Jesus não nos é pedido pouco: «O Senhor confirme os vossos corações numa santidade irrepreensível». Quem ama exige amando.

Seg, 3 – S. FRANCISCO XAVIER (Memória)

Is 2, 1-5 / Slm 121 (122), 1-4a.(4b-7).8-9 / Mt 8, 5-11

Por amor dos meus irmãos e amigos, pedirei a paz para ti. (Salmo)

Talvez haja alguém nas relações do leitor que não esteja em paz. O leitor reze por essa pessoa. Além disso, o leitor veja o que poderá fazer para levar paz a essa pessoa. E rezemos, também, pela paz em Portugal. Já estamos em paz há muitos anos. Agradeçamos isso a Deus e peçamos-Lhe, por intermédio de Nossa Senhora de Fátima, pela continuação da paz no nosso país e que nos livre do terrorismo.

Ter, 4 – SEMANA I DO ADVENTO

Is 11, 1-10 / Slm 71 (72), 2.7-8.12-13.17 / Lc 10, 21-24

Terá compaixão dos fracos e dos pobres e defenderá a vida dos oprimidos. (Salmo)

Hoje vou só propor ao leitor que fale com Deus sobre o que será para o leitor ter compaixão dos fracos. E o leitor tem tido compaixão dos pobres? De que maneira concreta? E dos oprimidos? O que é um oprimido para o leitor? Isto não é fácil. Algumas vezes, estas pessoas não fazem parte do nosso dia a dia, outras vezes fazem. Algumas vezes, trabalham para nós. Como diz o povo: o leitor «veja a melhor maneira».

Qua, 5 – SANTOS MARTINHO DE DUME, FRUTUOSO E GERALDO (Memória)

Is 25, 6-10a / Slm 22 (23), 1-6 / Mt 15, 29-37

Não quero despedi-los em jejum, pois receio que desfaleçam no caminho. (Evang.)

Estar atentos ao outro é uma arte e um sinal de santidade. (Já tenho pensado quantas vezes me fazem um favor e eu não digo obrigado.) Numa conversa, deixar o outro falar. Observarmos as regras de boa educação que aprendemos. São coisas que melhoram muito a relação entre as pessoas. Para além de um telefonema, de vez em quando. Responder aos emails a tempo e horas. (Também sou mau nisso.) Enfim, hoje o leitor reveja-se.

Qui, 6 – SEMANA I DO ADVENTO

Is 26, 1-6 / Slm 117 (118), 1.8-9.19-21.25-27a / Mt 7, 21.24-27

Só aquele que faz a vontade de meu Pai... (Evang.)

Hoje, leitor, reze comigo: Senhor, ajuda-me a viver para fazer a vontade de meu Pai. Que a minha oração me leve a isso. Que os sacramentos a isso me levem. Que a minha meditação me leve a isso. Que o pensar no meu dia me leve a isso. Quero que a vontade de meu Pai seja o centro da minha vontade, da minha alma, do meu coração. Quero que fazer a vontade de meu Pai seja o centro da minha inteligência. À sua procura e realização quero dedicar a minha inteligência e o meu coração.

Sex, 7 - SANTO AMBRÓSIO (Memória) / 1ª Sexta-Feira

Is 29, 17-24 / Slm 26 (27), 1.4.13-14 / Mt 9, 27-31

Acreditais que posso fazer o que pedis? (Evang.)

É fundamental que acreditemos que Deus pode fazer aquilo que pedimos, porque Deus respeita a nossa fé. Mas, por outro lado, normalmente não faz milagres. Deus atua mais no nosso interior. Deus faz o nosso interior crescer. Mas também não se substitui ao nosso esforço. Por exemplo, não nos tira a necessidade do esforço, mas dá-nos inteligência para realizarmos as coisas com o mínimo de esforço possível. (É para isso que temos os computadores.) Hoje, o leitor peça mais fé.

Sáb, 8 - IMACULADA CONCEIÇÃO DE NOSSA SENHORA, Padroeira de Portugal (Solenidade)

Gn 3, 9-15.20 / Slm 97 (98), 1-4 / Ef 1, 3-6.11-12 / Lc 1, 26-38

Celebramos uma festa familiar, porque Maria é a Mãe de Cristo, o Filho de Deus, sendo também a nossa Mãe, por maravilhosa graça do Altíssimo.

Com origem no Oriente, como a maioria das festas de Nossa Senhora, esta festa remonta ao século VII. Entre nós tem raízes profundas. Baste dizer que o rei D. João IV, em 1646, depôs a sua coroa na imagem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa e, desde então, os nossos reis nunca mais usaram coroa, porque passou a pertencer a Maria, a Rainha do céu e da terra. O Papa Pio IX, que já é beato, a 8 de dezembro de 1854, declarou o dogma da Conceição Imaculada da Virgem Maria, como tendo sido preserva-

da de toda a mancha do pecado original. Maria é a «cheia de graça», a imaculada, a mulher impecável.

A primeira leitura não é uma crónica de um facto acontecido nos inícios da história, mas uma reflexão sobre a condição humana, enredada nas teias do pecado. Mas a seguir ao antigo Adão pecador, veio Cristo, o novo Adão salvador. E é-nos oferecido pela nova Eva, Maria, a Mãe do Redentor. Assim responde Deus aos desmandos pecaminosos da humanidade, de todos nós, ontem como hoje.

Na carta de S. Paulo aos cristãos de Éfeso, encontramos uma oração de «bênção», que é a forma mais característica da oração judaica. Aqui recorda os incontáveis bene-

fícios recebidos de Deus. Em vez de pedir, louva e agradece. E Cristo salvador vem-nos por Maria, que é a mulher bendita, o sinal mais claro do triunfo de Deus sobre o mal.

No Evangelho é-nos anunciada a notícia mais original e maravilhosa de todos os tempos. O anjo Gabriel é mensageiro da vontade de Deus Se fazer um de nós. Deus quer humanizar-Se para nos divinizar. A Maria, uma jovem mulher de uma aldeia desconhecida, é pedida a sua ativa colaboração para ser Mãe do próprio Filho de Deus. Maria ficou perturbada com esta inimaginável

proposta e pede esclarecimentos. O Anjo mensageiro clarifica: «O Espírito Santo virá sobre ti e a força do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra... porque a Deus nada é impossível».

Agradecemos a Maria Mãe o seu sim. Foi o sim a uma santa aventura, que lhe exigiu dar Cristo à luz numa gruta de animais e ter de unir-se à morte do seu Filho numa cruz, para redimir o mundo. Peçamos-lhe a graça de a imitarmos em dizer sim nas «anunciações» que o Senhor nos vai fazendo ao longo dos nossos dias.

Dom, 9 – DOMINGO II DO ADVENTO – Ano C

Br 5, 1-9 / Slm 125 (126), 1-6 / Fl 1, 4-6.8-11 / Lc 3, 1-6

Seguimos a caminhada em direção às festas natalícias, à celebração do Natal de Jesus. O profeta João Batista aparece-nos no Evangelho a exortar-nos: «Preparai o caminho do Senhor!»! O Natal será uma celebração rica e festiva na medida em que for desejado e preparado. Não há de ser uma data inevitável do calendário, que surge de improviso.

Na primeira leitura, o profeta Baruc, em nome de Deus, anima o povo deportado na Babilónia com a esperança de regressar à Terra Prometida, a Jerusalém, à qual imporá um novo nome: «Paz da justiça e

glória da piedade». Nome que não é apenas uma palavra, mas significa uma nova realidade. Jerusalém é comparada a uma viúva que perdeu também os seus filhos e se encontra entregue às desgraças, em total abandono. Mas Deus nunca abandona os que n'Ele confiam e assim o profeta anuncia a ressurreição de um povo: «Deus decidiu abater os altos montes e as colinas seculares e encher os vales, para aplanar a terra, a fim de que Israel possa caminhar em segurança, na glória de Deus». Importa confiar sempre em Deus, aconteça o que acontecer.

Nas nossas orações, estamos mais habituados a pedir graças do que a louvar e agradecer. Um verdadeiro israelita não reza assim. As suas orações começam sempre por uma «bênção», em que se louva e agradece ao Senhor.

S. Paulo, escrevendo aos cristãos de Filipos, afirma que «Deus é testemunha que vos amo a todos no coração de Cristo Jesus». Seguramente que, se amarmos assim, as pessoas com quem convivemos ou encontramos serão amadas com qualidade humano-divina, ao jeito de Jesus, que nos pediu para amar com esta originalidade: «Amai-vos como Eu vos amei», sempre e até ao fim, com todo o coração.

S. Lucas inicia o capítulo 3.º do seu Evangelho de um modo solene, com uma detalhada referência cronológica, situando os aconte-

cimentos no tempo, em que são nomeadas sete personagens da história real. Assim fica claro que não se trata de uma fábula imaginada por um sonhador, mas relata a intervenção de Deus na história.

«Foi dirigida a palavra de Deus a João, filho de Zacarias, no deserto», afirma o Evangelho de Lucas. Tudo começa no deserto, de tão significativas ressonâncias bíblicas, desde a saída do povo eleito da escravidão do Egito, passando pelo deserto a caminho da Terra Prometida. Para o deserto vão viver as pessoas, como João Batista, que se recusam a pactuar com as injustiças da sociedade, qual refúgio ecológico, onde é possível viver a radicalidade da lei do amor a Deus e ao próximo.

Assumindo a «espiritualidade do deserto», preparemos a vinda do Senhor no Natal.

Seg, 10 – SEMANA II DO ADVENTO

Is 35, 1-10 / Slm 84 (85), 9ab-14 / Lc 5, 17-26

Encontraram-se a misericórdia e a fidelidade [de Deus]. (Salmo)

Peçamos a Deus a consciência da sua misericórdia e da sua fidelidade. O salmo diz que a justiça e a paz se abraçaram. Caro leitor, deixe-se abraçar pela justiça e pela paz. Depois, diz que a fidelidade vai germinar na terra. Sentindo a fidelidade de Deus, podemos plantar a fidelidade de Deus na terra. «A justiça descera do céu» e encherá os nossos corações. «O Senhor dará o que é bom e a nossa terra produzirá os seus frutos». Caro leitor, hoje medite – e se possível sinta – o salmo da Santa Missa.

Ter, 11 – SEMANA II DO ADVENTO

Is 40, 1-11 / Slm 95 (96), 1-3.10ac-13 / Mt 18, 12-14

Não deixará as noventa e nove... para ir procurar a que anda tresmalhada? (Evang.)

O pastor não vai com as outras noventa e nove à procura da ovelha perdida. O pastor tem pressa de se encontrar com a perdida. Também na parábola dos dois filhos, o pai não espera pelo mais velho para fazer a festa. Tem pressa na festa. Deus tem pressa de manifestar a alegria do reencontro. Saboreemos esta realidade. O leitor pense num pecado de que não se consiga ou ainda não queira livrar. E pense em Deus a ir atrás de si. Sim, mesmo que o leitor não se queira livrar desse pecado.

Qua, 12 – SEMANA II DO ADVENTO

Is 40, 25-31 / Slm 102 (103), 1-4.8.10 / Mt 11, 28-30

E encontrareis descanso para as vossas almas. (Evang.)

As «regras» de Jesus eram simples: amar a Deus e ao próximo como a si mesmo. Hoje, temos muito mais regras do que estas, mas são derivadas destas. São orientações para sabermos como havemos de aplicar estas três regras às situações concretas da vida. Além do mais, são regras de uniformização. Hoje, o leitor pense em como vai amar a Deus, o próximo e a si mesmo hoje (ou amanhã). (Em três aspetos).

Qui, 13 – SANTA LUZIA (Memória)

Is 41, 13-20 / Slm 144 (145), 1.9-13ab / Mt 11, 11-15

Abra-se a terra e germine o Salvador. (Aleluia)

A terra somos nós. É dentro de nós que o Salvador germina. Cresce como uma planta que lança os seus ramos para fora de nós, onde vêm pousar passarinhos que encontramos pelo caminho e descansam à nossa sombra. Deus, através de nós, dá-lhes algumas das coisas que eles precisam. Eles vêm comer dos nossos frutos. Mas nós temos o poder de ter frutos variados, consoante as necessidades dos passarinhos que se vêm aninhar nos nossos ramos. Hoje, peçamos por todos os passarinhos que se vêm acolher aos nossos ramos.

Sex, 14 – S. JOÃO DA CRUZ (Memória)

Is 48, 17-19 / Slm 1, 1-4.6 / Mt 11, 16-19

“É amigo de publicanos e pecadores”. Mas a sabedoria foi justificada pelas suas obras. (Evang.)

É possível que haja sempre gente a dizer mal de nós pelas nossas convicções, ou assuntos em que não se pode tocar para não se criar problemas. Mas se formos coerentes, ganhamos o respeito dos outros e poderemos dar-nos com vários tipos de pessoas, como Jesus Se dava. Nós estamos chamados a levar a Palavra a diferentes pessoas. Ou a Palavra em si ou a nossa coerência com ela. O leitor peça pela sua coerência.

Sáb, 15 – SEMANA II DO ADVENTO

Sir 48, 1-4.9-11 / Slm 79 (80), 2-3.15-16.18-19 / Mt 17, 10-13

Aparecei... Despertai o vosso poder. (Salmo)

O nosso sentir de Deus tem altos e baixos. Quando está «em baixo», podemos pedir: «aparecei». Quando somos nós a estar em baixo, podemos pedir: «despertai o vosso poder». Mas não é só o nosso sentir que pode estar em baixo. É o próprio Deus que Se «esconde». Deus não está sempre ao nível da nossa sensibilidade. O sentir ou não sentir não são sinónimos de relação com Deus. A relação com Deus é um ato de vontade e de correspondência à graça.

Dom, 16 – DOMINGO III DO ADVENTO – Ano C

Sf 3, 14-18a / Is 12, 2-3.4bcd.5-6 / Fl 4, 4-7 / Lc 3, 10-18

«Rejubila!», «Alegrai-vos!» são imperativos da Palavra de Deus nas leituras deste domingo. Não se trata de uma vaga sugestão, mas de uma ordem. «Alegrai-vos e exultai» é o título da última Exortação apostólica do Papa Francisco, sobre o chamamento que o Senhor nos faz à santidade na vida

quotidiana. É claro que da boca de quem fala em nome de Deus não poderia vir este desinfeliz imperativo: *Entristecei-vos e deprimi-vos.*

Na primeira leitura, o profeta Sofonias, porta-voz de Deus, convida à alegria, depois de falar em catástrofes iminentes. É que a ira de Deus é contra o pecado e as si-

tuações de injustiça, nunca contra o pecador que ama, em aliança irrevogável. O amor onipotente de Deus revela-se como misericórdia, fonte perene de alegria e paz. Para sermos de Deus é fundamental convertermos as nossas fobias e medos em confiança e júbilo.

S. Paulo escreve à comunidade de Filipos, a partir da sua prisão em Éfeso. Poderia enumerar uma ladainha de queixas e lamentações sobre a desgraça de viver numa cadeia. Mas não: exorta-nos à alegria, repetindo com insistência: «Alegrai-vos sempre no Senhor. Novamente vos digo: alegrai-vos». E explicita a razão da sua paradoxal alegria: é que «o Senhor está próximo». É que a nossa alegria não assenta sobre a mera boa disposição, as facilidades da vida, sobre a boa saúde ou o êxito nos negócios. Se firmarmos a nossa alegria na presença de Cristo, estaremos sempre alegres.

Seg, 17 - FÉRIA DO ADVENTO

Gen 49, 2.8-10 / Slm 71 (72), 2-4ab.7-8.17 / Mt 1, 1-17

Florescerá a justiça nos seus dias e uma grande paz até ao fim dos tempos. (Salmo)

Infelizmente, todos sabemos que isso não vai acontecer. (Para já.) Por isso, temos de fazer duas coisas: rezar para que a paz e a justiça aumentem cada vez mais. Se temos muitas guerras, também temos muitos países sem guerra aberta. (Alguns com terrorismo.) Se temos

No Evangelho deparamos com três grupos de pessoas que vão ter ao deserto para encontrar o profeta João Batista. Poderíamos pensar que exortaria o povo a simples práticas devocionais de jejuns e orações. De algum modo antecipa o mandamento do amor ao próximo que Cristo iria anunciar como sinal do seu Reino. Ao simples povo recomenda que partilhe o que tem: «Quem tiver duas túnicas reparta com quem não tem; e quem tiver mantimentos faça o mesmo». Aos publicanos, a profissão mais odiada, por frequentemente explorar o povo e colaborar com a opressão do império romano, João pede: «Não exijais nada além do que vos foi prescrito». Aos soldados, com o poder das armas, proíbe os abusos dos poderosos: «Não pratiqueis a violência com ninguém nem denunciéis injustamente».

Que me desafiará João Batista a melhorar, no deserto da minha consciência, hoje, nas vésperas deste Natal?

muitas injustiças, também vamos tendo sistemas judiciais que se vão aperfeiçoando. E devemos tratar da paz e da justiça no nosso contexto (relações pessoais, etc.). O leitor reze por estas duas intenções.

Ter, 18 – FÉRIA DO ADVENTO

Jer 23, 5-8 / Slm 71 (72), 2.12-13.18-19 / Mt 1, 18-24

Deus, concedei ao rei o poder de julgar. (Salmo)

Jesus diz que não nos devemos achar melhores do que os nossos irmãos. Também não haverá motivo para nos acharmos piores, porque devemos amar o outro como nos amamos a nós. A nossa comparação deve ser com o que nós éramos no passado. Mas quando vemos alguém fazer mal, sabemos que a pessoa está a fazer mal. A questão é que eu não posso considerar essa pessoa pior do que eu, porque estão em jogo muitas circunstâncias que eu desconheço. Rezemos por um olhar compassivo.

Qua, 19 – FÉRIA DO ADVENTO

Jz 13, 2-7.24-25a / Slm 70 (71), 3-4a.5-6ab.16-17 / Lc 1, 5-25

Eu sou Gabriel, que assisto na presença de Deus e fui enviado para te anunciar... (Evang.)

Também o leitor está na presença de Deus e assiste ao que Ele faz. E também o leitor está – neste momento da sua vida – a ser enviado para anunciar Deus. O leitor talvez tenha uma ideia do que é anunciar Deus. Mas proponho-lhe que, na sua oração de hoje, pergunte ao Espírito Santo o que acha Ele que é «anunciar Deus». Mais, como é a maneira específica de o leitor anunciar Deus. Como é que Deus quer que o leitor O anuncie.

Qui, 20 – FÉRIA DO ADVENTO

Is 7, 10-14 / Slm 23 (24), 1-6 / Lc 1, 26-38

O Senhor virá: Ele é o rei da glória. (Refrão do Salmo)

O Menino Jesus está a chegar. Hoje vamos preparar a sua vinda, porque o dia 24 é sempre um dia muito atarefado. Que quer o leitor que o Menino lhe ponha no sapatinho? Eu dou uma ajudinha: mais fé, mais esperança, mais caridade. Mais fé, para o leitor ter uma relação

mais íntima com Deus. Mais esperança, para o leitor desenvolver mais alegria interior. E mais caridade. O leitor peça isto para este Natal.

Sex, 21 – FÉRIA DO ADVENTO

Cant 2, 8-14 ou Sof 3, 14-18a / Slm 32 (33), 2-3.11-12.20-21 / Lc 1, 39-45

Donde me é dado que venha ter comigo a Mãe do meu Senhor? (Evang.)

Perguntemo-nos de onde nos é dado que Jesus nos tenha dado sua Mãe por nossa Mãe. Foi um acontecimento maravilhoso. Ficámos com uma Mãe por toda a eternidade. As pessoas sem Mãe ficaram com uma Mãe. Nossa Senhora não substitui a Mãe terrena mas, para pessoas com fé, faz de Mãe. De uma maneira que as próprias pessoas não sabem explicar. Hoje, peçamos por todas as pessoas que não têm Mãe.

Sáb, 22 – FÉRIA DO ADVENTO

1 Sam 1, 24-28 / 1 Sam 2, 1.4-8 / Lc 1, 46-56

O meu espírito se alegra em Deus... (Evang.)

O nosso espírito alegra-se em Deus e a nossa alegria terrena é aumentada com a alegria que sentimos em Deus. As alegrias terrenas são aumentadas com a alegria que sentimos em Deus. As nossas alegrias terrenas sobem até Deus e ampliam-se quando chegam junto d’Ele. Talvez o leitor já tenha experimentado isso em momentos de consolação. O leitor habitue-se a, quando tem uma alegria terrestre, elevá-la para Deus.

Dom, 23 – DOMINGO IV DO ADVENTO – Ano C

Mq 5, 1-4a / Slm 79 (80), 2ac.3b.15-16.18-19 / Hb 10, 5-10 / Lc 1, 39-45

Estamos na antevéspera do Natal de Jesus. As leituras do presente domingo ajudam-nos a criar um clima de acolhimento de Deus infinito que Se faz um dos nossos, desmedidamente pequeno, pobre e acessível.

O profeta Miqueias é uma voz de esperança no contexto de uma situação desastrosa de Israel a nível político, social e económico. A corrupção passou a ser um esquema normal de vida; a violência instalou-se como em sua casa; um grupo

de dominadores vão-se tornando donos dos campos e exploram os pobres trabalhadores. Nesta situação calamitosa, o profeta Miqueias, que fala como porta-voz de Deus, abre uma janela de consolação, prometendo que de Belém de Judá «sairá aquele que há de reinar sobre Israel», e assim «se viverá em segurança», porque «Ele será a paz».

Cada um de nós é desafiado pelo Senhor para ser um novo profeta *Miqueias*, oferecendo presentes de esperança, paz e consolação.

Segundo a Carta aos Hebreus, o Jesus que recebemos no Natal é um servo obediente, que Se oferece a Si mesmo pela nossa salvação. Particularmente no tempo de Natal, celebramos a nossa santificação «pela oblação do corpo de Jesus Cristo, feita de uma vez para sempre». Que os enfeites e festas natalícias sejam sinais exteriores que nos orientam para o mistério do amor desmedido que Deus nos tem, a ponto de Se fazer nosso irmão no menino de Belém.

Seg, 24 – FÉRIA DO ADVENTO

2 Sam 7, 1-5.8b-12.14a.16 / Slm 88 (89), 2-5.27.29 / Lc 1, 67-79

Que nos concederia a graça de O servirmos um dia sem temor, livres das mãos dos nossos inimigos. (Evang.)

Normalmente, não temos medo de Deus. Mas podíamos pedir-Lhe que nos tirasse todos os bocadinhos de medo que nos inspira. Às vezes,

No Evangelho de Lucas é-nos descrita a cena da visitação de Nossa Senhora a sua prima Isabel. Poderemos falar na visitação dos dois principais protagonistas deste acontecimento: Jesus, o Messias salvador, que visita seu primo João, o Batista seu precursor. Estes são ainda parte de suas Mães, Maria e Isabel, na primeira vida escondida no *Nazaré* do seio materno.

No Natal celebramos a visitação do Filho de Deus, que nos deseja fazer «exultar de alegria», confirmando que o nosso Deus é «Emanuel», Deus conosco.

Isabel elogiou sua prima, Maria de Nazaré, declarando-a feliz bem-aventurada porque «acreditou no cumprimento de tudo quanto lhe foi dito da parte do Senhor». A nossa felicidade assenta sobre o alicerce da fé, acreditando nas promessas de Deus, que sempre são cumpridas? Celebrar o Natal de Jesus é uma confirmação festiva de que Deus cumpre o que promete, com incomensurável generosidade.

medo de não estarmos a fazer a coisa certa, medo de um dia sermos castigados, medo de não percebermos o que Deus nos diz, medo que Deus esteja zangado connosco. Podemos ter vários medos em relação a Deus. Hoje, peçamos para ter com Ele uma relação descansada.

Ter, 25 – NATAL DO SENHOR (Solenidade) – Ano C

Is 52, 7-10 / Slm 97 (98), 1-6 / Hb 1, 1-6 / Jo 1, 1-18

O Natal é comumente celebrado como a festa da família. E muito bem. É bom estreitar os laços entre os pais e os filhos, os irmãos e as irmãs, os avós e os netos e demais familiares. Por vezes, ficamos mais centrados nas obrigações do trabalho e negligenciamos os deveres de sermos construtores de boas relações familiares.

Mas no Natal celebramos ainda mais a nossa família divina, de Deus, nosso Pai comum, que enviou o seu Filho ao mundo, como nosso irmão, oferecido por Maria de Nazaré, Mãe de Jesus e nossa Mãe. No Natal celebramos o Céu ter-se deslocado até à Terra e o próprio Deus Se ter feito um de nós, membro da nossa família humana, numa fraternização sem limites.

Na primeira leitura encontramos o profeta Isaías a apresentar a sua visão do futuro do povo que está escravizado no degredo de Babilónia. Isaías anuncia a libertação do povo, que encontra no Natal de Jesus uma confirmação solene:

«Todos os confins da terra viram a salvação de Deus». Nós somos testemunhas disso e fazemos festa.

O autor da Carta aos Hebreus fala da comunicação de Deus com a humanidade. Deus criou-nos à sua imagem e semelhança, revelando uma sumamente maravilhosa arte de comunicar. Mas, na plenitude dos tempos, atingiu o cume, pois o próprio Deus Se fez um de nós, humanizou-Se até ao extremo, encarnou na nossa carne. É o que estamos a celebrar no Natal. Até onde pode chegar o amor que Deus nos tem!

Em dia de Natal é-nos apresentada a primeira página do Evangelho de S. João, onde compõe um hino sublime à história da nossa salvação. Com razão este evangelista recebeu o título de «água». Jesus Cristo é-nos assim apresentado: «No princípio, Ele estava em Deus. Tudo se fez por meio d'Ele e sem Ele nada foi feito... Na verdade, foi da sua plenitude que todos nós recebemos graça sobre graça». Estamos

imensamente devedores a Jesus Cristo, que especialmente celebramos na solenidade do Natal e que a Eucaristia atualiza. Na Eucaristia

celebramos, adoramos e comungamos o mesmo Jesus que nasceu em Belém. Cada Eucaristia proporciona-nos um novo Natal de Jesus.

Qua, 26 - SANTO ESTÊVÃO (Festa)

At 6, 8-10; 7, 54-59 / Slm 30 (31), 3cd-4.6.8ab.16b.17 / Mt 10, 17-22

... mas é o espírito do vosso Pai que falará em vós. (Evang.)

Peçamos a Deus que nos dê o hábito de, em ocasiões importantes – porque não podemos estar sempre a pedir isto –, Lhe pedirmos que nos ilumine. E é claro que ocasiões importantes não são só as que têm a ver com o nosso emprego, mas também com a nossa família, os nossos amigos, os membros da nossa comunidade religiosa, etc. Tanto devíamos pedir a ajuda do Espírito Santo para uma conferência como para uma conversa amiga. O leitor veja se introduz o hábito na sua vida.

Qui, 27 - S. JOÃO, APÓSTOLO E EVANGELISTA (Festa)

1 Jo 1, 1-4 / Slm 96 (97), 1-2.5-6.11-12 / Jo 20, 2-8

O discípulo predileto de Jesus. (Evang.)

Agora todos somos prediletos porque Deus ama infinitamente cada um de nós. Com todo o seu poder. Deve ser essa a nossa alegria: sentirmo-nos e sabermo-nos completamente amados por Deus. Porque podemos não sentir nada. A nossa relação com Deus tem uma grande parte de vontade que conduz à fidelidade, porque muitas vezes não sentimos nada. Mas sabemos que Deus nos ama e nós amamos Deus.

Sex, 28 - SANTOS INOCENTES (Festa)

1 Jo 1, 5 - 2, 2 / Slm 123 (124), 2-5.7b-8 / Mt 2, 13-18

Ouviu-se uma voz em Ramá, lamentos e gemidos sem fim: Raquel chora seus filhos e não quer ser consolada, porque eles já não existem. (Evang.)

Raquel não tinha consolo porque os seus filhos já não existiam. O leitor reze para que a dor nunca o feche de tal modo sobre si próprio que

não queira ser consolado. O excesso de dor pode apoderar-se de nós e fechar-nos ao consolo de Deus, ao consolo da família, dos amigos. É uma situação terrível. O leitor peça para que este negrume nunca o envolva. E peça por aqueles que são envolvidos por ele.

Sáb, 29 – 5º DIA DA OITAVA DO NATAL

1 Jo 2, 3-11 / Slm 95 (96), 1-3.5b-6 / Lc 2, 22-35

Caríssimos: Nós sabemos que conhecemos Jesus Cristo se guardamos os seus mandamentos. (1ª Leit.)

Esta certeza que S. João nos dá não é baseada nem no nosso sentimento – falível – nem no nosso raciocínio, igualmente falível. É como dizer: se amarmos a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos, então Cristo é-nos revelado interiormente. Não nos aparece a sua imagem dentro de nós, nem nenhuma definição teológica, mas temos a certeza que estamos em comunhão com Ele. Agora, temos de rezar a Jesus para que Ele nos ajude a cumprir os seus mandamentos, de modo a estarmos cada vez mais em comunhão com Ele.

Dom, 30 – SAGRADA FAMÍLIA DE JESUS, MARIA E JOSÉ (Festa) – Ano C

Sir 3, 3-7.14-17a / Slm 127 (128), 1-5 / Cl 3, 12-21 / Lc 2, 41-52

Termos uma família é um tesouro que nunca agradeceremos suficientemente, sabendo que não é feita de anjos impecáveis, mas de pessoas de carne e osso, naturalmente limitadas, como eu e todos somos. Na família aprendemos a arte da fraternidade, os valores de amar e servir. A família é a nossa primeira e fundamental escola de acolhimento e cordialidade, de oração e disponibilidade, de

justiça e de paz. Que seria de nós, de mim, sem a família, que vale imensamente mais que o ouro e a prata? Mas importa cair na conta de que a qualidade da nossa família depende, em primeiro lugar, de nós próprios, não dos outros. Cada um de nós é o principal responsável da sua família, independentemente da idade, estilo e formação.

A primeira leitura é do livro de Ben Sirá, livro com bons e práticos

conselhos para as mais diversas situações da vida humana. Em boa parte, é dedicado à vida familiar, com observações pertinentes também para os dias de hoje. Seu autor é Ben Sirá, que viveu cerca de dois séculos antes de Cristo.

S. Paulo, nesta passagem da sua carta aos cristãos de Colossos, recomenda que nos revistamos dos sentimentos de Cristo. A roupa é um prolongamento do nosso corpo e identifica o estilo da pessoa que está por dentro. S. Paulo enumera diversas qualidades da roupa que deve usar o cristão: «Revesti-vos, pois, de sentimentos de misericórdia, de bondade, de humildade, de mansidão, de paciência, suportando-vos uns aos outros e perdoadando-vos mutuamente, se alguém tiver razão de queixa contra outro. Tal como o Senhor vos perdoou, fizeti-o vós também. E, acima de tudo isto, revesti-vos do amor, que é o

laço da perfeição. Reine nos vossos corações a paz de Cristo, à qual fostes chamados num só corpo. E sede agradecidos». Resumindo, o toque de elegância da alta costura do cristão é o amor. É fundamental, para a vida sã da nossa família, que nos revistamos do amor de Cristo.

No Evangelho é-nos apresentada uma cena que, parece, não deveria poder acontecer na família mais perfeita que existiu sobre a terra. Na peregrinação anual à cidade santa de Jerusalém, José e Maria perdem o seu filho. A Mãe de Jesus pede explicações ao filho porque Se afastou de seus pais sem ter perdido licença, mas estes não entendem a sua justificação, precisando de «guardar todas estas coisas em seu coração». Mesmo a melhor das famílias passa por dificuldades. Peçamos à Sagrada Família de Nazaré a graça de encontrar as soluções possíveis, com amor paciente.

Seg, 31 – 7º DIA DA OITAVA DO NATAL

1 Jo 2, 18-21 / Slm 95 (96), 1-2.11-13 / Jo 1, 1-18

Tudo se fez por meio d'Ele e sem Ele nada foi feito. (Evang.)

É bom que no último dia do ano tenhamos consciência que tudo foi feito por meio de Deus. O leitor peça a Deus que o ajude a ver as coisas boas deste ano. Muitas vezes, no fim do ano, somos um bocadinho pessimistas com o nosso desempenho e idealistas com o desempenho do ano seguinte, com propósitos do estilo: «este ano é que vai ser». Hoje, concentremo-nos a ver o que de bom este ano nos trouxe e agradeçamo-lo a Deus.